



# POVO ALGARVIO

SEMANARIO REGIONALISTA

Director, Editor e Proprietário:  
Manuel Virgínio Pires

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

## UMA IDEIA

**Q**UANDO depois de um muito longo período de trabalho árduo, duro e esgotante no mar alto, por longínquas inhóspitas regiões, temos a sorte e a oportunidade de gozar umas bem merecidas e prolongadas férias com a terra firme, amável e encantadora do nosso torrão natal sob os pés, a primeira e inevitável atitude que adoptamos é de relaxe absoluto, abandono total, completa inacção mental e física.

Volvidas porém algumas semanas de «dolce far niente», a reacção vai-se manifestando os hábitos de trabalho adquiridos sobrenadam e a necessidade de fazer algo impõe-se bruscamente.

Foi assim que por estes já temperados dias do mês de Outubro, uma ideia que há muito me bailava na cabeça

Continua na 2.ª Página

## Ecos da Feira

Compreendemos que não podemos obter tudo quanto desejamos porém, o que é uma verdade, é que a Feira de S. Francisco, com a categoria que hoje e sempre disfrutou de grande feira do Algarve, merecia além da iluminação que já alguns anos vem sendo melhorada, um pavimento mais cuidado, evitando-se assim aquela poeira pouco própria de uma feira de gente civilizada.

É felizmente não choveu porque se tal tivesse acontecido, o lamaçal seria aquilo que nós infelizmente já conhecemos.

Aquí fica mais um alvitre para ver se no próximo ano

Continua na 3.ª página



### Classificações do III Concurso Pecuário

**Touros** — 1.º prémio, José João Ascensão Pablos; 2.º, João Higinho Gonçalves de Campos.

**Novilhos até ao 1.º desfecho** — 1.º prémio, Sebastião Martins Palmeira. Prémios de presença: João Higinho Gonçalves de Campos, Manuel Bernardo Pacheco, João Mendonça Vargues e Manuel Soares Barafusta.

**Vacas** — 1.º prémio, José João de Ascensão Pablos; 2.º, José Pedro Arrats; 3.º, Manuel Soares Barafusta; 4.º, José João Ascensão Pablos; 5.º, João Higinho Gonçalves de Campos; 6.º, José Francisco Drago; 7.º, Manuel Soares Barafusta; 8.º, Ludgero Simões; 9.º, Ventura Fernandes; 10.º, João M. Vargues; 11.º, Manuel Nascimento Guilherme. Prémios de presença: Amarante Emídio Domingues, Fernando Carvalho, Tolentino B. de Mendonça Nunes, José Joaquim Mendonça Elisio, José Domingos Furtado e Joaquim Conceição Viegas.

**Novilhas** — 1.º prémio, António Pedro; 2.º, José Mendonça; 3.º, Continua na 2.ª página

Este número foi visado pela Delegação de Censura

## Notas de viagem

### Dois Emigrantes

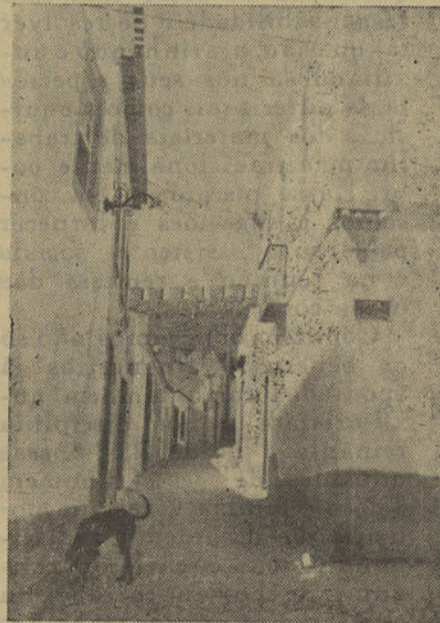
**N**O Oceano, as horas não se contam e nem se descrevem os séculos de suas ondas, tempestades e mistérios imutáveis, nem tão pouco de suas águas que percorrem continentes sob forma de

por M. Rio

nuvens, regressando sempre ao ponto de partida. Por isso, o mar seduz e atemoriza, mesmo sem as lendas de outrora que os poetas criaram e os marinheiros de 1500 desfizeram. Porém, ao navegá-lo, de longe e ao largo, o homem ainda tem a impressão de começar vivendo uma nova vida e haver encontrado nos seus horizontes quase sem fim, o elixir da felicidade. Assim, naquela noite de 31 de Dezembro, a 30 milhas da costa africana, quando a quilha altaneira do «Giulio Césaa» rasgava águas intensas do Atlântico, rumo ao extremo sul. O vento era brisa e as estrelas já anoteciam o firmamento com miríades de reflexos serenos. No convés do navio, que baloiçava lentamente de bombordo para estibordo, vivia-se entre luzes e flores a festa desse fim de ano inesquecível. As raças e nacionalidades do Mediterrâneo, compostas de gregos, italianos, espanhóis, turcos e africanos do norte comprimiam-se no pequeno espaço, enquanto os sexos rompiam com um tango adormecente. Havia lindas mulheres, perfumes os mais diversos, e sentia-se que a ilusão da vida embriagara os sentidos e morrera a saudade do ponto de partida.

Alguém havia no entanto, Continua na 3.ª Página

## Tavira Antiga



Uma típica rua da vetusta cidade de Tavira, vendo-se ao fundo as ameias do seu castelo secular

### Interrupção de trânsito na Estrada Nacional N.º 125, próximo de Alcantarilha

A Direcção de Estradas de Faro informa que por motivo das obras de alargamento da Ponte de Alcantarilha, foi interrompido o trânsito entre os kms. 61.900 e 62.500 da E.N. 125, a partir da passada sexta-feira, dia 12, por cerca de um mês, estando o pequeno desvio, por vias municipais, convenientemente sinalizado.

## Artesanato Regional

**O** IRMÃO mais novo da indústria, o artesanato, sendo uma fonte de riqueza nacional deve merecer do Estado o auxílio mais eficiente.

As indústrias caseiras têm a vantagem de não desviar do lar familiar os que a elas se dedicam e de serem óptimos processos de preencher horas vagas, contribuindo

ao mesmo tempo para o desafogo pecuniário e desviando de passatempos onde o indivíduo dispensa a saúde ou dinheiro a que podia dar melhor aplicação. Até aqui as razões expostas são iguais às do amigo Banana, mas para o exercício compensador das indústrias caseiras (de quase todas) há o inconveniente da dificuldade da colocação, ao preço que animes os que a elas se dedicam.

O trabalho da fábrica é sempre menos perfeito, de gosto inferior sem originalidade, mas tem o atractivo de ficar por preço muito inferior, e ser portanto preferido nos meios comerciais, Continua na 3.ª

## TROVA

Ir à missa, à comunhão,  
Será divino preceito;  
Mas quem não tem coração,  
Não tem Deus dentro do peito!...

Isidoro Pires

## Brigadeiro António Pedro de Brito (BARÃO DE CACELA)

Na próxima sexta-feira, dia 20 do corrente, data do seu aniversário natalício, será descerrada uma lápide à memória deste ilustre tavirense, na



casa onde nasceu, na Rua da Galeria, desta cidade. O acto, que se realizará pelas 17,30, será revestido da maior simplicidade.

Tavira vai assim prestar homenagem a um dos seus filhos ilustres a cuja acção heroica se refere a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira e a que já há tempos fizemos longa referência no nosso jornal.

O brioso militar era tio avô do sr Capitão António Pedro de Brito Aboim Vila Lobos, que assistirá ao acto.

## Política Agrária

**A** NDA empenhado o nosso Governo em valorizar, acudindo-lhe, a nossa rica lavoura.

Eu chamo-lhe rica, posto empobrecida.

Necessidades mais prementes levaram para outras

bandas da administração, os cuidados maiores da política.

Politica — diziam os gregos — é a boa colocação das coisas dos factos e das pessoas nos seus devidos lugares.

E é.

Nós escrevemos no dia 28 de Maio de 1926 uma data nova na vida da Nação. Havia que endireitar muita coisa, coordenar muita coisa e criar muita coisa.

O sentido da Renovação estando presente, não podia poisar ao mesmo tempo em todos os quartéis da nossa vida.

Primeiramente urgia implantar a Ordem — que nós eramos um país afeiçoado às revoluções.

Tivemos até um governo que Continua na 3.ª página

## CHUVAS

Começaram a cair as primeiras chuvas que alegraram os lavradores lembrando-lhes que se vai iniciar um novo ano agrícola.

Para muitos, como é natural, talvez fosse inoportuna. Os algarvios acostumados como estão a ver sempre um céu azul iluminado por um sol radioso e belo resentem-se da mudança do cenário. Porém, o que é uma verdade, é que as coisas às vezes estão mesmo a pedir chuva...

A. Pinto Machado

## Mais de metade das cidades e vilas algarvias já têm ruas de S. Gonçalo de Lagos

**C**ONFORME noticiámos no último número, está em curso um autêntico movimento municipalista algarvio no sentido de se homenagear S. Gonçalo de Lagos, único Santo nascido na nossa Província pela inscrição do seu glorioso nome em ruas de todas as cidades e vilas do Algarve. Patrocinado e apoiado pela Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário Gonçalino, que se mantém em exercício para ultimar as interessantes edições a que oportunamente meteu ombros, aquele movimento começa a ganhar adeptos e mesmo a obter resultados que fazem prever para muito breve a realização plena do seu objectivo.

Com efeito, neste momento Continua na 3.ª página



Estão matriculados nesta Escola 173 alunos. A 39 destes alunos foram concedidas isenções de propinas. Todos os pedidos de isenção destas propinas foram deferidos, salvo a 5 alunos que não tinham tido bom comportamento anterior.

Agrupam-se pelas seguintes profissões, os encarregados de educação daqueles 39 alunos isentos de pagamento de propinas: Trabalhadores rurais 10, Pescadores 7, Pedreiros 4, Domésticas 3, Comerciantes 3, Motoristas 3, Alfaiates 2, Escriturário, Carteiro, Costureira, Barbeiro, Sapateiro, Paideiro e Ferreiro, 1 cada Além desta apreciável ajuda aos que carecendo de recursos desejem estudar, todos os alunos se encontram sob a protecção de um seguro contra acidentes na Escola.

Ingressaram no corpo docente, a sr.ª Dr.ª D. Maria da Natividade Henriques Rego e os srs. Dr. Manuel Rodrigues de Oliveira e Eng. Morgado André, que assim vieram valorizar o mesmo corpo docente, pelas suas bem destacadas qualidades profissionais.

Continua a visitar com frequência este estabelecimento de ensino o ilustre presidente da Câmara de Tavira, sr. Dr. Jorge Correla, que dedica um grande interesse por tudo quanto se refira à educação da nossa juventude.

Iniciam-se amanhã, pelas 16 horas, os cursos de Formação Feminina e de Electromecânico. O ciclo preparatório do curso de Agente Rural também terá início nesse dia, às 11 horas. Todos estes cursos foram criados recentemente e os horários respectivos encontram-se afixados no átrio da Escola.



## UMA IDEIA

Continuação da 1.ª Página

veio à tona, se defeniu, assentou arraias e me levou a escrever uma quantas palavras para lhe dar forma e liberdade, aproveitando simultaneamente o meio de que mais facilmente disponho para a propagação que como ideia necessita.

Quem como eu conhece de perto e há muitos anos os homens que anualmente partem para a dura faina da pesca nos Bancos da Terra Nova, do Lavrador e da Groenlândia, sabe bem que muitos deles aproveitam as poucas horas de lazer e ócio de que raramente dispõem para, com a infinita paciência e geito muitas vezes notáveis, confeccionar os mais variados objetos de arte ou de simples utilidade, aproveitando para isso muitos e diversos materiais que o acaso lhes traz às mãos. Tenho visto e apreciado tamanhos vários de modelos de lugres, de modernos navios de pesca à linha, de arrastões e de outros muitos tipos de navios, incluindo paquetes; tenho admirado peixes, crustáceos e outros espécimes estranhos embalsamados e envernizados sobre artísticos pedestais de madeira trabalhada ou pedra polida; tenho observado gaiolas monumentais feitas com pedacitos de madeira e arames tirados de restos de cabos de aço, lindos trabalhos com conchas e pedaços de rochas multicores, uma infinidade de artigos fabricados com fios ou rodos, tapetes, bolsas as mais variadas em tamanho e em desenho, camas de rede, capas, cintos, garrafas e garrações artisticamente cobertos, todos os trabalhos de arte de marinheiro e até esculturas e pinturas, muitas delas de um notável bom gosto e senso artístico.

É verdade que durante algum tempo perguntei qual o destino que os autores de tais trabalhos davam às suas obras e sei agora que algumas são oferecidas, outras poucas são vendidas e muitas consumidas em uso próprio. Eu mesmo possuo alguns modelos de lugres e arrastões presenteados por pessoal que serviu sob as minhas ordens.

Foi então que me ocorreu a ideia de, depois de uma campanha de propagação rápida e fácil para as nossas entidades particularmente para o Grémio dos Armadores da Pesca

do Bacalhau, reunir todos esses trabalhos numa exposição anual, premiar os autores dos melhores e vendê-los a quem os quizesse comprar, o que estou convencido não faltaria, obtendo-se desta maneira um fundo monetário que seria aplicado em obras sociais a favor dos pescadores e suas famílias, do Natal dos seus filhos ou de alguma coisa neste género.

Realmente com um pequeno impresso explicativo das condições e fins de tal iniciativa distribuído e afixado nos alojamentos do pessoal de cada um dos nossos navios de pesca do bacalhau, e eles são mais de setenta, e com uma pessoa encarregada de os receber no fim da viagem e de os entregar num local ou sala que o Grémio destinasse para o efeito, pessoa que poderia ser o próprio capitão do navio ou qualquer oficial por ele nomeado, o problema não se me afigura de complexa resolução.

Claro que esta ideia pode-se expandir, dilatando-a à escala nacional e fazendo tomar parte nela todos os trabalhadores do mar, desde os pescadores da nossa costa, passando pelos da pesca do alto até aos da pesca longínqua. Possuimos uma organização de Casas de Pescadores mais do que capaz de arcar com essa responsabilidade e de resolver tal questão, acarinhando e auxiliando-a nos seus aspectos mais difíceis tais como a aquisição dos materiais de trabalho pela tradicionalmente pobre classe piscatória, em conselhos e sugestões e fornecer pelas suas assistentes sociais e na reunião e remessa das obras conseguidas.

Com isto obteríamos não só os benefícios financeiros já apontados como também auxiliariamos a boa disciplina reinante a bordo das nossas unidades de pesca (homem ocioso é muitas vezes um potencial de desordem e indisciplina — todo o chefe ou condutor de homens o sabe) ou retiraríamos muitos trabalhadores da taberna, defeito muito característico do pescador durante os por vezes longos períodos em que não se podem fazer ao mar, mantendo-os entretidos em casa, além do interesse artístico que a exposição em si pudesse ter.

Eis deste modo simples exposta nas suas linhas gerais



Continuação da 1.ª Página

António Bento da Silva, Prémios de presença: Dr. Gonçalo Bandeira Pessanha, José Joaquim Rodrigues Neto, José Joaquim Mendonça Felício e João Mendonça Vargues.

Bezerras — 1.º prémio, João Higinho Gonçalves de Campos, 2.º e 3.º, João Mendonça Vargues.

### Imposto de Trabalho

A Câmara Municipal pede a todos os proprietários de animais de tiro e de carroças que porventura não tenham sido colectadas pelo imposto de trabalho o obsequio de informarem os Serviços desse facto, evitando perturbações psicológicas em virtude de terem sido colectados uns e outros não.

Se atendermos a que é a primeira vez que este imposto se faz neste concelho uma ou outra falta tem de ser desculpada.

No entanto a Câmara previne desde já os proprietários que será feito um adicional a todos aqueles que por razões de ordem técnica não foram colectados devidamente, a cobrar em Janeiro próximo, o que vai dar origem para estes e só em 1963 ao pagamento da colecta normal e da restante devida por este ano que decorre.

Esclarece-se ainda que por vezes são colectados indivíduos por carros que não possuem mas a verdade é que não vieram a seu tempo regularizar a sua situação perante a Câmara.

### Praia de Tavira

DESPACHO de Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas:

— Anotado que a Câmara Municipal tinha em conclusão o estudo do plano de urbanização que será submetido à apreciação do Ministro das Obras Públicas por intermédio da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

Com base neste plano a Câmara Municipal pedirá a desafectação dos terrenos submetidos ao Direito Público Marítimo, por intermédio da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

A Câmara conta com o produto da venda destes terrenos para o financiamento dos trabalhos de urbanização e, especialmente da construção da ponte cujo produto já foi aprovado e constitui o elemento fundamental deste empreendimento em que a Câmara deposita justificado interesse, considerando-o o problema principal no Concelho neste momento.

A Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização concederão a sua melhor atenção a este assunto na parte que a cada um competir, esforçando-se por assegurar a sua resolução efectiva no menor prazo possível.

A comparticipação do Ministério das Obras Públicas nos encargos inerentes à execução deste empreendimento ficará dependente da apreciação dum estudo económico a elaborar pela Câmara.

### Escola Técnica de Tavira

POR despacho de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas de 24/9/1962 foi aprovada a localização «A» para o edifício da Escola Técnica de Tavira.

### Alto de S. Braz

ENCONTRA-SE em arranjo há já algum tempo o Alto de S. Braz a fim de ser ajardinado.

### Lellão de remessas transportadas por Caminho de Ferro

No dia 15 do corrente e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Secção de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 12 do corrente, das 10 às 17 horas, excepto aos sábados. Nas estações estão afixadas avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

uma das minhas ideias que fica esperando chegue ao conhecimento de alguém que lhe possa dar a execução que ela me parece merecer.

F. J. R.

## Dois Emigrantes

[Continuação da 1.ª página

que era vista sempre só, sempre triste e cada vez mais bela e misteriosa — uma grega, cujos olhos quase sempre mergulhados no mar, eram dois pedaços de inteligência serena, pintados duma doce volúpia. Ela não ria, não falava. Era Dido, uma escultora de mulher, em que o vestido colado ao corpo elegante lhe punha ambientes de mistério e desejo em certos traços. Habitados à sua mudez exasperante, os outros emigrantes não a perseguiram mais embora aquele tango que agora se dançava, perfumasse de confidências o ar cáldo e seco. Somente Ricardo, igualmente sempre só, se foi encostar à amurada do navio, mesmo em sua frente, esperando que os olhos inteligentes e doces de Dido falassem. Logo depois, Ricardo aproximou-se mais e...

— Dança comigo? May I dance with you, my Lady? Fala francês, inglês? Oh! porque não me responde?

Foram dançar, mas Dido não respondeu. Apenas sorriu pela primeira vez com um sorriso luminoso que se fez amplidão nas faces amaciadas de melancolia. Depois, sem lhe abandonar nunca a mão perfumada, Ricardo conduziu-a ao extremo do convés e inspirado pela brisa e pela escuridão do oceano foi-lhe dizendo:

— Magoa-me sua tristeza nas últimas horas de este ano, prestes a findar. Afinal para quê, pensar no que deixou? tudo deve morrer agora aqui. Amanhã, começará novo ano, nova vida a bordo deste navio e na terra de nosso destino. É preciso matar recordações e o passado. Dido, vê aquelas águas negras do mar, que de noite arrepiam e que as hélices do navio rasgam e transformam em estrada de branca espuma? Outro tanto devemos fazer da vida e do outrora, transformando-a na espuma inebriante dos licores, dos sonhos e dos prazeres... Dido soltou sua mão da mão de Ricardo e lhe respondeu serenamente:

— Ricardo, não perca então seu tempo, pois para mim tudo começa mas nada termina. Não conto a vida por horas, nem por meses nem por anos. E não esqueço o passado pois sei que isso é inútil. Sou um pouco como o mar, que não usa relógio para estar calmo ou tempestuoso. Aliás, porque tem vindo sempre só e alheado como eu? Porque me censura então? Não tente embriagar-me como essas dezenas de emigrantes que só falam a linguagem da ilusão. Para eles, efectivamente acaba hoje um ano e ao deixarem suas terras, acabou para eles uma vida, assim o creem. Repare...

A massa compacta dos emigrantes de terceira classe, efusante de alegria, continuava a dançar. E Ricardo, principiou vendo então como eram verdadeiras as palavras dessa estranha mulher. Na realidade, esse punhado de emigrantes não eram mais os foragi-

dos da fome e da injustiça, os ambiciosos de riqueza, seres que procuravam mais além libertarem-se da vergonha e do sofrimento, mas sim alucinados pelas ilusões, que pareciam estar já antegozando triunfos ainda não conquistados. Dido continuou:

— Veja Sr. Ricardo como ninguém se dá conta de que o passado nos segue para toda a parte, que os erros cometidos se colam à pele como conchas aos rochedos; que os vícios adquiridos continuam a ser tubarões insaciáveis delapidando virtudes; que os hábitos escarnecem da inteligência mais lúcida e que as dores e mistérios cavam vestígios impagáveis. Apenas a morte nos detém, apenas ela significa acabar... Que lhe parece positivamente?

— Não sei bem que responder, mas tão somente 'compreendo que você é uma mulher invulgar em todos os sentidos e suas palavras criaram em mim a curiosidade de conhecer o seu passado. Tudo isto me parece um sonho de fadas, mas afinal em alto mar tudo é possível. Os seres transformam-se...

— Não estrague esta noite. Ricardo. Nunca pergunte a uma mulher o que foi, saiba-o você mesmo, estudando-lhe o presente...

— Dido, há 4 dias que a venho observando. São 11,40 de 31 de Dezembro. Pois bem, desejaria que antes de soarem a bordo as 12 horas, fizéssemos algo de superior e inesquecível. É quereria provar-lhe que nem a morte significa acabar... e que é possível libertarmo-nos do passado... Simples e difícil a um tempo. Permita-me que a aprecie, que a venere, compreenda e lhe ensine o caminho da felicidade. Veja, a maioria, senão todos os que aqui viajam, vão à procura de riqueza e porventura da glória e eu tenho andado toda a vida à procura de alguém que me inspire as virtudes da dedicação e do amor, lúcido e consciente que engrandece, liberta e nos transfigura.

Afastaram-se os dois, subiram a ponte C do navio, procuraram a escuridão. Entretanto ouviu-se a bordo enorme alarido. Eram 12 horas de 31 de Dezembro! Beijaram-se. Para estes dois emigrantes começara vida nova, acabara de facto um ano e aquilo que inconscientemente buscavam noutras terras, já haviam encontrado a meio de sua viagem. Estes sim, já podiam pois regressar, mesmo antes de desembarcarem no porto do destino...

### Emílio Campos Coroa

Médico especialista

### Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

## Actividade Agrícola da CUF no Algarve

No âmbito de uma acção de vulgarização agrícola intensa, que a Companhia União Fabril está realizando em todo o país por intermédio das suas Delegações Agronómicas, temos conhecimento que no Algarve está prevista uma série de reuniões com agricultores, que nesta primeira fase do ano agrícola em curso terão lugar nas seguintes localidades: Mexilhoeira Grande, Estômar, Cumeada, Salir, Amorosa, Messines de Baixo, Barragem (Silves), Benafim, Pôço Barreto, Algôs, Branqueira, Paderne, Boliqueime, Vale Carro, Clareanas, S. João da Venda, Santa Bárbara de Nexe, S. Braz de Alportel, Estoi, Conceição (Faro) Almancil, Patacão, Santa Catarina, Alfandanga, Santo Estêvão, Luz de Tavira, Conceição (Tavira), V. N. de Cacela, Hortas (V. R. de Santo António) e S. Bartolomeu (Castro Marim).

O início destas reuniões está marcado para 16 do corrente em Salir, seguindo-se as atrás indicadas em datas que oportunamente serão comunicadas às respectivas populações agrícolas.

A Delegação Agronómica da CUF em Faro, que tem a seu cargo a realização de tais reuniões, levará a efeito nessas sessões, pequenas palestras de divulgação acompanhadas de filmes ou dispositivos sobre assuntos de carácter agrícola.

Tal iniciativa, está a despertar o maior interesse nas populações agrícolas das diferentes regiões onde tais reuniões terão lugar.

## MOTALLI — Ciclomotores

Fabricados em Portugal

Modelos desde 4.900\$00

Trocas — Vendas a Prestações

CUNHA & DIAS, LDA.

TAVIRA



## Política Agrária

Continuação da 1.ª Página

não chegou a durar 48 horas. Ora sem Ordem não há possibilidade de fazer fructificar o trabalho.

Depois tivemos que refazer o prestígio internacional que havíamos perdido.

A seguir havia que impor a nossa moeda, valorizando-a e estabelizando-a perante as «Bolsas» de todo o mundo.

A seguir, ainda, a criação de novas fontes de riqueza, como corolário ou consequência dos saldos administrativos que se obtinham, por milagre da nossa política financeira.

A terra por ser a objectivação máxima do Ideal do nosso Amor à Pátria, podia esperar um bocadinho, já que a cobria toda a nossa ternura, elevada até ao carinho ferrenho da Paixão.

O Governo confiava nesse Amor e, por isso, teve confiança nela. Tanto confiou que esperou, até poder desenvolver a sua Política Agrária.

O Ministério da Agricultura, criado por Sidónio Pais, teve que sacrificar-se a outros desenvolvimentos das linhas ou dos rumos da Política.

Mas em 1958 Salazar restabelece a importância política do sector agrário, criando o Secretário de Estado da Agricultura, que entregou ao ilustre Técnico Eng.º Agrónomo Luiz Quartin Graça.

A Lavoura estimou a notícia e estimou a nomeação do 1.º Secretário de Estado da Agricultura.

Sabia que estava com um Chefe bem tirocinado na proveitosa Escola do Ministro Linhares de Lima.

A Política Agrária iria desenvolver-se. E logo se sentiu isso com a publicação do II Plano de Fomento, em que tanto trabalhou, também, o Eng.º Quartin Graça.

No render na Guarda Política, onde sempre se manteve o princípio da Continuidade que devemos à Política de Salazar, no Sector Agrícola não houve esmorecimentos.

A árvore plantada começou a fructificar e estão a colher-se os frutos maduros.

A Política Agrária é uma realidade, ainda que a realidade se embaça por vezes em rotinismos ou marasmos que vêm de longe.

Os hábitos maus ficam sempre a morar com a gente mais tempo do que o devido...

Estas reticências as compreendem todos — pois não é verdade?

Certo de que assim é, não devemos supor que anda a passo de boi a Política Agrária.

Da parte do Governo não anda.

Quando ela marca passo é porque a burocracia a não deixa andar...

Tudo, porém, caminhará como é preciso que caminhe.

Tenhamos confiança.

A Confiança é uma força da Política e de que precisam os Políticos.

No sector Agrícola essa confiança deve manifestar-se também embora tentem abalá-la aqueles «intermediários» ou «traficantes» que têm abusado do nosso Amor pela Terra e da Consciência paciente com que temos aguardado a hora de acção da Política Agrária.

## Vende-se

Tomatal seródio, com boa produção, na zona de Alvalade, com bom acesso e cerca de 27 hectares.

Trata Joaquim Gil Madeira Teixeira, solicitador encarregado, Rua Cândido dos Reis, 17, Telefone 204, Alcácer do Sal, ou Travessa Nova do Norte, 6, Telefone 143, em Grândola.

## Artezanato Regional

Continuação da 1.ª Página

onde a maior parte do público se não preocupa com a solidez ou o apurado gosto.

Por esta razão, o artesanato vive a sua hora difícil. E é pena. Pena, porque há indústrias que não deviam morrer.

Citaremos primeiro aquelas que têm por matéria prima a madeira e que mais se praticam no Algarve.

As cadeiras de tabua. Muito mais simples que a sua congénere do Alentejo, a cadeira de tabua, no Algarve, apresenta características muito primitivas.

É confeccionada da melhor madeira de loendro e empregou-se a tabua dos charcos para o assento ou o espaldar, às vezes.

As ferramentas utilizadas são quase unicamente a faca. As peças que a compõem são presas umas às outras por encaixe ou puas e nunca o prego. Como ornato, usam vincos marcados com a lâmina da faca.

Além das cadeiras, o algarvio trabalha ainda a madeira na execução de colheres normais, pequenas e grandes (os chamados colherões).

No tempo em que não havia colheres inoxidáveis as colheres de pau prestaram relevantes serviços em imensas preparações culinárias, sobretudo onde o contacto dos ácidos com o metal podia provocar alterações na comida.

São geralmente os homens do campo e da serra que se dedicam a fabricar colheres, mormente nos dias chuvosos ou nos serões de inverno e este trabalho vulgarizou-se entre eles de tal modo que criou o provérbio: «quem não tem que fazer, faz colheres», dito que declara guerra formal e sem tréguas à ociosidade manual.

É menos vulgar mas por vezes também executam o bufete, pequena mesa com gaveta, a tripeça, o banco, a arca ou mala e a meia-cómoda.

A meia-cómoda regional tem pintura muito característica. Depois de a peça ter sido passada a ocre, dão-lhe uma demão de terra avermelhada e quando esta está ainda fresca, desenham, a dedo, um adamascado de flores e arabescos. Nos lares mais primitivos, na sala de entrada, a meia-cómoda é o traste de mais aparato. Sobre ela se põe o Senhor, o relógio ou o tocador e, nas suas gavetas, a família acomoda os trajes domingueiros ou das grandes cerimónias. Aos mulheres cobrem-se com toalhas de rendas, de malheiros ou de agulha, que timbram nem que seja longa e se conserve de perfeita alvura.

## Ecos da Feira

Continuação da 1.ª Página

pode ser incluído no número daqueles melhoramentos que o nosso município projecta realizar.

O Campo da Atalaia como está só poderá servir para feiras de gados. A vida evoluiu, as feiras tornaram-se atractivos da vida moderna e o pavimento é o mesmo que conhecemos há 50 anos. É necessário pois que acompanhem o ritmo do progresso para que se não torne a dizer como hoje que, embora o recinto seja dos mais vastos e apropriados, não oferece condições na época actual.

Se o turismo é hoje um cavalo de batalha por toda a parte, porque não cuidar turisticamente do excelente Largo da Atalaia?

Assinal o «Povo Algarvio»

## Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Suzete Ligia da Silva João, menina Aida Maria Ferro de Oliveira e o sr. Dr. António Manuel Almodovar.

Em 15 — D. Cidalina de Jesus Matos, D. Helena do Rosário Gonçalves Morgado Correia, meninas Maria Eduarda do Livramento Maco, Maria Teresa Andrade Ferreira e o sr. Hugo da Horta Gonçalves.

Em 16 — D. Maria Solange Durão Correia Matos, D. Maria João Viçosa Bernardo, D. Emilia da Conceição Gomes Rebelo, menino Claude Patrick Laranjo Frade e os srs. Jorge Regato Temudo e José Manuel da Cruz Sotero.

Em 17 — D. Maria do Nascimento Nunes, D. Maria Antonieta Martins Ramos, D. Maria Luisa Baptista Correia Matos e os srs. Dr. Martiniano Pereira dos Santos, Jorge Alberto Soares Rosado e Francisco da Encarnação Martins.

Em 18 — D. Maria Evangelista Pires, Mlle Maria Filomena Bragança Gil, meninos Francisco Eua do Pires modesto, José António da Cunha Rosário e o sr. Francisco António Evangelista Bacalhau.

Em 19 — D. Maria do Rosário Neves Vargues, D. Adélia Pires Vicente, D. Maria João Henrique Pararata Martins, menino Daniel Pedro e os srs. Eduardo Gonçalves Soares, Joaquim Vaz Figueiredo, Humberto Ferreira, Ricardo Ferreira Cansado e António Francisco Vitorino Rodrigues.

Em 20 — D. Maria Cândida Chagas, D. Maria Caetano Gonçalves Ferro e os srs. Joaquim Dias, Joaquim Santana Faleiro, Dr. Rocheta Cassiano e José Iria Neto.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa já se encontra em Lisboa após uma viagem de férias, o nosso amigo e conterrâneo sr. José Crisóstomo Leiria, componente da Orquestra da Emissora Nacional.

Com sua esposa e filhinhos regressou à sua casa em Lisboa, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Eng. Rui Palermo Ferreira.

Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Celestino dos Santos Amaro, funcionário da C.P. em Lisboa.

No gozo de férias encontra-se em Tavira com sua mãe, o nosso conterrâneo e assinante sr. António Antero Picoito, funcionário do Banco Português do Atlântico, em Lisboa.

Com sua esposa e filhos, que aqui estiveram a passar as férias, regressou à sua casa em Lisboa o sr. Eng. Barreiros dos Reis, em serviço no Laboratório de Engenharia Civil.

Após ter passado nesta cidade alguns dias de férias em companhia de seus pais e avós, retirou para a sua casa em Lisboa, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Helena Canseira Romeira Bemposta.

A fim de tomarem parte na «IV Reunion Mundial de Carreteras» que terá lugar em Madrid de 14 a 20 do corrente, levada a efeito pela International Road Federation (I. R. F.), deslocaram-se ao país vizinho os Ex.ºs srs. Director de Estradas do distrito, Eng.º António Rodrigues Pinelo, Eng.º Adjunto, Luis Manuel Soares e Agente Técnico de Engenharia, Pedro António Gamito.

Fizeram-se acompanhar de suas Ex.ºs Esposas o primeiro e o último daqueles técnicos.

## Mais de metade das cidades e vilas algarvias já têm ruas de S. Gonçalos de Lagos

Continuação da 1.ª página já mais de metade das cidades e vilas algarvias têm Ruas de S. Gonçalo de Lagos, por libertação das respectivas Câmaras Municipais, tomada nas últimas semanas. Além de Faro e Lagos, que já as possuíam anteriormente ao movimento em curso, e depois de Portimão, Silves, Tavira Alcoutim, a que nos referimos no nosso último número, também Loulé, Vila de Santo António e Aljezur se associaram por essa forma à homenagem prestada ao glorioso labrigense. E em todas aquelas vilas, e ainda na Praia de Quarteira, igualmente há já Ruas de S. Gonçalo de Lagos.

Em face disto, não é de prever que qualquer Câmara Municipal algarvia se alie ao movimento em curso: antes é de esperar, como acima se disse que dentro de pouco tempo não exista uma só cidade e vila do Algarve em que o nome de S. Gonçalo de Lagos falte na esquina duma rua ou largo.

## FUTEBOL

### Taça de Portugal

As equipas algarvias sobreviventes na Taça de Portugal, foi-lhe imposta rude tarefa: nada mais que defrontar respectivamente Belenenses e Atlético duas equipas em foco no futebol Nacional. Sobre os encontros disputados em Olhão e Portimão damos a seguir breve comentário.

Olhanense 0 — Belenenses 0

Os lisboetas nesta sua deslocação ao Algarve, precaveram-se na defesa, pretendendo um resultado que lhes desse vantagem no segundo jogo em Belém, ou seja na segunda mão.

Por sua vez os cubistas entraram em campo com a ideia de acumular golos que lhes assegurassem a sua ida ao Restelo com certa tranquilidade.

Porém, o empate a zero bolas que se verificou no final, foi ridículo para os lisboetas e senhor para os olhanenses, que não souberam, na maior parte das vezes, por precipitação dos seus avançados converter o seu domínio territorial em golos.

Portimonense 2 — Atlético 0

Contra toda a lógica, se é que ela existe no futebol, os barlaventinos bateram os alcatanenses por duas bolas a zero. Os lisboetas, com jogadores experientes e melhor rodados do que os algarvios, foram surpreendidos pela vivacidade e força de vontade postos na luta pelos locais. Na verdade a equipa de Szabo surpreendeu não só os lisboetas como o seu público, exibindo um futebol prático e incisivo, tendo em Adventino, nova aquisição desta época, o seu melhor elemento.

O Portimonense que tem treinado intensamente durante toda a semana, espera fazer um bom resultado em Alcântara.

Hoje jogam:

Belenenses — Olhanense  
Atlético — Portimonense

## Agradecimento

Maria Helena Miguel Reis Picoito e seu marido Silvestre Joviano Pereira Picoito, vêm, por este meio, patentear o seu profundo reconhecimento aos Ex.ºs médicos-operadores srs. Drs. Renato Mansinho da Graça e Jorge Augusto Correia, pela forma proficiente e hábil como a operaram e os desvelos cuidados que lhe dispensaram, ao Provedor da Santa Casa da Misericórdia sr. José Emídio Fernandes Sotero e sua Ex.ª Esposa, pelas atenções e cuidados que sempre lhe dedicaram e ao corpo de enfermagem do Hospital pela maneira carinhosa com que a trataram.

## A Lua, primeira estação do espaço

Depois de, durante muitos anos, ter pertencido ao domínio da especulação fantasista e mais ou menos irresponsável, a exploração do Universo entrou hoje no número das coisas previsíveis, quase se diria inevitáveis, a tal ponto que pequena será a surpresa do mundo, no dia em que for anunciada a partida do primeiro cosmonauta para a Lua. A toda a parte chegaram já as notícias das últimas experiências preliminares da grande aventura da navegação cósmica. Deve contudo esclarecer-se que a palavra «aventura», aqui empregada, não é das mais próprias para designar o espantoso empreendimento em vias de realização. Efectivamente, neste domínio, a aventura não tem lugar, pelo menos naquele sentido comum de improvisação e irreflexão que tantas vezes se lhe associa. Poucos trabalhos humanos, com efeito, terão sido objecto de tão profunda análise das possibilidades.

Elucidativa informação da magnitude dessa empresa, é a que contém o volume A Lua, Primeira Estação do Espaço, lançado a público pela Editorial Estúdios Cor, que assim inicia a sua enciclopédia científica Diagramas. Elaborado e traduzido por especialistas, esta obra dará ao leitor uma visão tanto quanto possível perfeita do problema, permitindo-lhe um conhecimento que as informações avulsas e dispersas da imprensa diária lhe não poderiam proporcionar. Melhor do que um resumo, forçosamente insatisfatório, dirão o que a obra é e significa os títulos dos capítulos: «Seculos de Medo e de Sonhos», «Física do Globo Lunar», «Os Príncipes do Navegação Cósmica», «A Fisiologia e o Voo no Espaço Cósmico», «Da Terra à Lua», «O Regresso à Terra» e «Novos Meios de Propulsão». Completa o volume um vocabulário de astronáutica, compilado pelo tradutor, e que represento um auxiliar precioso para a compreensão do problema. Como nota curiosa, aponte-se o mapa do outro lado da Lua, pela primeira vez publicado em Portugal. Tradução de Eurtco da Fonseca. (Editorial Estúdios Cor, 122 pág. 20\$00).

## Agradecimento

A família de Maria da Conceição Sobrado vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada e bem assim aquelas que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

## SKOOTER

Durkopp — Diana, como nova. Vende Daniel C. Flor da Rosa, Rua 4 de Outubro, 16 — Tavira.

**J. A. PACHECO**  
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

**J. A. PACHECO**

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13





## Retalhos desta Lisboa!

por **Liberto Conceição**

A Dança das Horas!... São 9 horas duma manhã de domingo que a imposição da Lei chamou, a partir de 7 de Outubro, «Hora de Inverno».



Uma das tais imposições dos Homens para nos fazerem andar descontrolados, nesta já tão «descontrolada» Vida de hoje. Por mais que queiramos compreender a razão lógica desta imposição que obriga a andar com os ponteiros dos relógios, em determinada época do ano, de diante para trás e de trás para diante... não o conseguimos. Há sempre, nestas alturas, tamanha série de imbrólios resultantes da «Dança das Horas», que melhor seria acabar de uma vez para sempre, com a «tal» hora de Verão e de Inverno, pois, — que saibamos — somos dos poucos países que se preocupam com estas alterações!...

Mas porquê estas considerações?... É que estamos a ouvir, aqui os vizinhos da mesa do lado, uma tal «história», que tem por fulcro central a malfadada mudança da hora, história cheia de peripécias cómicas, a qual tem originado em todos os «circunstâncias» fortes e sonoras gargalhadas, tal o bom humor dos seus intervenientes.

Enquanto a coisa dá para rir... tudo muito bem. O pior é quando ela dá para o torto, com todo o seu rosário de «complicações... zangas... reprimendas dos chefes, etc.»... Não! Não vemos necessidade desta «Dança das Horas»! O próprio Tempo, progressivamente, se irá encarregando de nos adaptar às suas necessidades, sem a obrigatoriedade de «imposições» sistemáticas aos ponteiros dos relógios!...

«Um Menino Bem» Não conseguimos compreender, por mais voltas que demos à imaginação, a razão daquilo a que teimosamente, em todos os sectores e de todos os ângulos da crítica teatral, chamam a crise do Teatro Português.

Mas crise do Teatra em quê? Na falta de valores positivos na cena portuguesa? Na falta de escritores teatrais à altura das exigências de um público culto e amante de bom teatro? Em encenadores capazes de montar uma peça a um nível por vezes tão bom como o melhor que nos apreçoam de fora?

Não prezados leitores. O mal, o tremendo mal de que enferma o teatro em Portugal, não reside na falta de bons autores e melhores actores. Reside, sim, na incompreensão e desinteresse de grande parte do público que, preso na voragem da vida agitada e febril da hora em que vivemos, se perde em busca de prazeres vibrantes e descontrolados. que vão desde os combates de luta-livre... a certos desafios de futebol... da música dinâmica dos «twits» e «roc and roll» dançados nos ambientes doentios das «boites» excêntricas... aos filmes macabros ou às aventuras trepidantes do Oeste Americano, com muitos crimes, muitos tiros e muitas perseguições.

É o público, não são artistas a única causa da confrangedora incerteza em que se debate o futuro do teatro em Portugal.

O Teatro, o teatro sério que ultimamente se tem feito entre nós, é, dum modo geral de alto nível artístico. Só a apatia e o desinteresse incompreensível da gente portuguesa, nos permite ver algumas excelentes peças terem uma vida efémera nos palcos desta Lisboa.

Vêm estas considerações a propósito de uma magnífica Comédia que há dias fomos ver ao Variedades, esse pequenino Teatro do velho Parque Mayer.

Levados pelo nosso gosto Arte de Talma, que desde menino e moço nos fizeram deambular pelos palcos do Orfeão, do Teatro António Pinheiro e outros, fomos admirar «Um Menino Bem» numa sala quase vazia.

Foi para nós confrangedor a frieza daquela sala deserta.

## Crónica de Domingo

Domingo, 7 de Outubro de 1962

Hoje é um domingo insípido como tantos outros, não há futebol em Olhão, nada nos atrai por qualquer lado e então temos mesmo que ir gramar umas raspas da feira, já sem aquele barulho ensurdecedor, afora os reclames dos circos e carroçeis.

É um domingo sem história, em que pouco teremos que registar no carnet dos acontecimentos mundanos.

Milicianos, flausinas e basbaques na esplanada dos cafes que, para matar o ócio, levam três horas para sorver uma salsaparilha ou em café já degenerado pela acção do tempo.

Há um torpor que nos rodeia, um mixto de calor e humidade que nos torna flácidos e pouco comunicativos.

Talvez pelo efeito dos restos dos mostos expostos nas adegas ou de alguns figos que estão estendidos a secar sobre as varandas, há bandos de moscas impertinentes, peçonhentas, que nos assaltam nos lugares mais concorridos, o que não quer dizer, de certo modo, que sejam moscas turísticas.

Aproxima-se o pôr do sol, cheio de melancolia, aumenta a humidade ambiente e como recurso para todo este tédio que nos ocupou mais um domingo de vida, sem praia, sem passeio recreativo ou competição desportiva, lá vamos até à bilheteira do cinema para ter onde ocupar a noite, nem que seja a gramar um programa de 300\$00.

Os domingos, afinal, são todos assim, desde que não haja futebol ou qualquer atractivo.

Assim encerro esta crónica que me solicitou e parece-me que só a deverei repetir quando haja motivo que a recomende.

Gilão

Vimos o primeiro Acto, e passamos de como é incompreensível a massa humana. Vimos o segundo e mais ainda se arreigou no nosso espirito o juízo que estamos a fazer do público de Lisboa. Assistimos ao final dessa estúpida peça e ficamos com máguia de que o nosso entusiasmo e o calor dos nossos aplausos, não podesse encher todo o vazio que sentíamos à nossa volta.

É que tudo na comédia «Um Menino Bem» foi digno do nosso incondicional aplauso: — conteúdo da história, perfeitamente integrada na vida desregrada das famílias «bem» onde apenas o dinheiro dita Leis. A interpretação a cargo de artistas de incontestável valor como Eva Todor e Rogério Paulo, magnificamente coadjuvados por Fernanda Borsati, Alina Vaz, Baptista Fernandes e João Lourenço. — A encenação, tudo, enfim, a contribuir para fazer da obra de Luiz Iglezias, uma grande comédia.

Porquê o desinteresse do público? Que preferência são aos suas na hora que vivemos para não encher todas as noites o pequenino teatro do Parque Mayer? Porquê?...

Antes, porém, de encerrar estes «retalhos» queremos deixar aqui expresso quanto nos foi grato admirar no palco do Variedades, duas já grandes artistas cujos nomes andam ligados a recordações da nossa cidade do Gilão: Fernanda Borsati, que conhecemos, ga-

## Explosões Turísticas

Querem roteiros e guias  
E andam nestas sinfonias,  
Nestas lides humorísticas.  
E com todo este escarcéu,  
Querem abraçar o céu  
Com as explosões turísticas.

Desdobráveis e roteiros  
Pra mostrar aos estrangeiros  
Os monumentos de cá.  
Pensões residenciais,  
Atractivos regionais  
E tudo o mais que virá.

Ele há já prá ai quem conte  
Para breve com a ponte  
E um hotel fenomenal,  
Feito a expensas do dinheiro  
Cá do fomento caseiro,  
Dessa subscrição local,

Para a febre do turismo,  
Aconselho um sinapismo  
Pra acatmar o calafrio.  
E para recomegar  
Será bem mais salutar  
Mandarem limpar o rio.

Se houver turistas a mais,  
Expropriem os sapais  
Façam casas e vivendas,  
Parques de estacionamento,  
Pensões de bom alimento  
Que cheguem prá encomendas.

A prata serve pró Verão.  
E em qualquer outra estação,  
No Outono ou no Inverno,  
Pra não andarem à brocha  
Vão prá Moinhos da Rocha  
Ou pró Pego do Inferno.

Pra não haver desenganos  
Não dou voltas ao baralho.  
Já pago o imposto dos canos  
E o imposto do trabalho.

Zé da Rua

## Saúde e Lar

COM capas muito originais e copiladas e adequadas gravuras no texto, temos diante de nós mais dois números desta revista dirigida pelo prof. A. J. Casaca e colaborada por vários nacionais e estrangeiros, dentre os quais se contam os Drs. Maria Teresa Furtado Dias, Leonor Cabral Sacadura Faro, M. Santiago Nogueira, Henriques João Faro e José dos Santos Viegas.

Incluem os referidos números de «Saúde e Lar», cuja divisa é «em prol de uma vida física e moralmente sã», artigos propriamente ditos e outros tipos locais nos quais se emitem conselhos, se dão notícias, se esclarecem dúvidas e se marcam pontos de vista. Duns e doutros indicamos os títulos de alguns e que só por si nos dão uma ideia do seu valor intrínseco.

São artigos, digamos, de fundo: Gordura prejudicial (Dr. Mário Campagnoli); As uvas e a sua utilização racional (Dr. H. Muller); Aleitação e longevidade (Dr. Cristian German); Aprendamos a comer (Dr. Charles Gerber); Aprendamos a envelhecer (Dr. Heritier); A vida moderna e a super-alimentação (Dr. Maria Teresa Furtado Dias); O clister (Dr. Catarina Noble); Os perigos diários para as crianças (Dr. Colette Clain).

Dos outros artigos destacamos os epigramas: Suco de Uva caseiro; Decálogo de quem quer conservar são o coração; Preceitos, conhecimentos e recomendações relativos à correcção da prisão de ventre; Apreciemos o melão; Lavar as mãos; Mau hálito; O sono; paralisia infantil; A vacina B.C.G.; Furúnculos; Receitas de croquetes.

## CASA

Vende-se, no Terreiro do Garção, 2 — Tavira.

Tratar com Suzete Nol Viegas, Rua do Salitre, 126, r/c — Lisboa.

rota ainda, quando seus pais e irmãs, grandes artistas musicais, viveram longos anos em Tavira e Alina Vaz, essa menina bonita e gaiata, que tantas vezes vimos, saltando com sua irmã pelas ruas da nossa terra, ante o olhar enlevado e orgulhoso de seu avô, o velho «mestre João», como lhe chamavamos.

É-nos sempre grato ver prestigiado o nome dos Tavirenses e dos amigos da nossa terra. Por isso desejamos a ambas os maiores êxitos artísticos.

E aqui deixamos um conselho aos verdadeiros amantes da Arte de Talma. Venham connosco, mais uma vez, ver ao Variedades «Um Menino Bem».

## A acção dos fiscais da Intendência no Algarve

Segundo conseguimos saber, a actividade da Fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos no Algarve, durante o mês de Setembro findo, exerceu-se especialmente junto da indústria de panificação, em virtude das inúmeras reclamações recebidas sobretudo da cidade de Faro, embora sem descurar a vigilância dos restantes sectores da actividade industrial e comercial. Apesar dos fiscais se preocuparem mais em aconselhar e orientar os comerciantes e industriais, do que em levantar processos, segundo nos informam, ainda foram obrigados a autuar os seguintes:

— Um grossista de peixe da Fuzeta e um retalhista de S. Braz de Alportel por haverem comercializado carapau com desrespeito das disposições legais, provocando assim aumento do preço e impedindo o respectivo controle.

— Um retalhista de mercearia de Faro, por vender bacalhau nacional do tipo «miúdo» por preço superior ao da tabela. Este comerciante tinha o bacalhau exposto à venda com um letreiro indicativo de que o mesmo era de origem estrangeira, para assim mais facilmente auferir um lucro ilícito. Um industrial de padaria de Silves, por fabrico de pão com falta do peso legal, tendo-lhe sido apreendidos 42 quilos que foram entregues a uma casa de caridade da mesma cidade.

— Um talhante de Portimão por ter à venda carne de vaca e de carneiro, que o médico veterinário legalmente competente, chamado para examiná-la, deu como imprópria para consumo e mandou imediatamente inutilizar.

— Um industrial de padaria de Alcantarilha, por vender pão por preço superior ao da tabela. O mesmo industrial foi também processado por não pesar o pão no acto da venda, como a lei manda.

— O concessionário da Esplanada da Ilha do Meio, na Praia de Faro, por vender a 2\$50 sanduíches de queijo em papo-seco, cujo preço legal é de 1\$60.

— Um distribuidor de pão ao domicílio na cidade de Faro, por não pesar o pão no acto da venda, como manda a lei.

— Um industrial de padaria de S. Braz de Alportel, por falta de higiene no transporte do pão, que era conduzido no próprio leito da furgoneta de mistura com pneus e outros utensílios, tendo-lhe sido apreendidos 266 quilos.

— Um industrial de padaria de Portimão, por vender pão por preço superior ao da tabela. O mesmo industrial foi igualmente processado por não pesar o pão no acto da venda como manda a lei.

— A caixa de um depósito de padaria de Faro, por não ter pesado o pão no acto da venda.

— Um industrial de padaria de Faro, por vender pão por preço superior ao da tabela e por não ter pesado o pão no acto da venda como manda a lei.

— Um abegão de Paderne, por ter levado um preço que foi considerado exagerado pelo concerto de uma carroça.

\* \* \*

Os serviços da 7.ª Zona de Fiscalização, com sede em Faro, pediram-nos para lembrar o seguinte:

— A pesagem do pão no acto da venda é obrigatória, quer o cliente o exija, quer não, para as unidades de peso igual ou superior a meio quilo, qualquer que seja o tipo de pão; para as unidades de peso inferior a 500 grs. a pesagem

## Verdades como punhos

Creio que o homem branco só poderá permanecer em África com utilidade proporcional ao seu valor, quando integrada numa sociedade multirracial em que a justificação da sua presença e do papel que lhe couber desempenhar resulte, não da sua cor mas das suas capacidades de trabalho e iniciativa, do seu amor à terra e do seu sentido de dever. Nessa base a presença do branco em África revelar-se-á de interesse para a comunidade em causa e indispensável ao progresso geral. Caso contrário, isto é, se for impossibilitado o normal desenvolvimento de sociedades multirraciais, é de prever que o racismo negro aniquile ou expulse o branco e comece por destruir ou por deixar que se arruine a obra realizada com a cooperação deste. Não resultará daí qualquer benefício para as populações africanas, antes pelo contrário.

(das declarações de Salazar à revista «United States News and World Report»)

Comentando as contas públicas do ano passado, um articulista do vespertino lisboeta «Diário Popular», à frente do qual se encontra o eminente professor Dr. Martinho Nobre de Melo, depois de declarar que, no domínio da contabilidade do Estado se trabalha esforçadamente e bem, sem descuidos nem improvisações, nem obscuridades, afirma: sem suspender ou alterar, sequer, o ritmo da satisfação dos compromissos de consignações e planos, o Estado tem possibilidades de enfrentar com honra e eficiência as fatais obrigações trazidas abruptamente pela mão negra da adversidade. A guerra de Angola e a vigília das nossas terras nem nos conduzem à insolvência, nem paralizam ou suspendem o progresso nacional.

Notável e insuspeito testemunho é o do deputado trabalhista britânico Albert Roberts que, ao referir-se à visita que efectuou em Moçambique, declarou ter encontrado naquele território maravilhoso uma perfeita sociedade multirracial onde os pretos e os brancos beneficiam dos mesmos direitos e regalias. E depois de ter qualificado o governador-geral, Almirante Sarmiento Rodrigues como um grande homem, frisou que há em Moçambique uma grande obra a realizar e que os portugueses precisam de trabalhar muito e que não devem ter medo de ser atacados. A finalizar declarou que quando chegar ao seu país, enaltecerá a obra que observou, na certeza de que a Inglaterra acreditará mais nos que visam do que em tantos que falam, mas nada viram.

## Arrenda-se

Pomar de laranjeiras no sítio de Sinagoga.

Tratar com Luís Arrais, Rua D. Paio Peres Correia, 12 — Tavira.

só é obrigatória quando o consumidor a exigir.

— Continua a ser obrigatória a afixação de etiquetas com os preços dos artigos à venda em todos os estabelecimentos sem qualquer excepção, os quais têm de ter colocados em todos os artigos expostos, não apenas em alguns, como geralmente se vê na maioria das montras. Os talhantes devem ter as etiquetas colocadas em todas as peças de carne expostas para venda.

